

## Família dá exemplo com medidas criativas de convivência com a seca

FOTOS: DJALMA BATISTA

As ações criativas de convivência com seca feitas pela família de Osmar Luís de Sousa e de Marcelina Teresinha Valério, na localidade Belo Horizonte, município de Conceição do Canindé, na região conhecida como Semiárido do Piauí, servem de exemplo para outras pessoas porque vêm ajudando a diminuir os problemas causados pela seca.

O casal, ao invés de plantar apenas milho, feijão e mandioca como ainda fazem muitas famílias da vizinhança, criou meios diferentes de sobrevivência que incluem criatório de caprinos de raças mais resistentes à seca e de crescimento rápido, como Canindé e Moxotó; a produção de mel de abelha (apicultura) e criação de galinha caipira.



Osmar conta que cria galinhas e investe na produção de mel de abelha para melhorar a renda familiar, mas o foco principal da família é o rebanho de cabras e bodes. Com o criatório de animais, alimenta os filhos Wellington e Tersália com leite de qualidade, tira a carne para o consumo da família e para as vendas na cidade de Conceição do Canindé. E plano do casal é ampliar a renda com a venda de animais, garantindo o pagamento dos impostos do terreno e a compra de bens para a família, como calçados e roupas.

Para os açougues do município, vendeu cerca de 30 cabeças de bodes no período da seca, somando 4 criações por mês. Já chegou a faturar até R\$ 800 com a venda de carne de bode. Os animais são criados à solta nas chapadas, mas consomem três sacas de milho por mês. O chiqueiro ou aprisco dos bichos na terra da família é organizado e limpo. As bostas das cabras e bodes são usadas como adubo nas áreas de produção. Osmar aprendeu a técnica durante uma visita de intercâmbio na comunidade Kolping Cipó, no município de Pedro II, onde este tipo de adubo é usado com sucesso nas hortas agroecológicas, que são conhecidas assim porque não têm adubos químicos, veneno e evitam queimadas.

A produção de mel com caixas na comunidade é uma opção que ajuda a família a conviver bem com a seca. Mesmo nos anos de poucas chuvas, as abelhas encontram flores para fazer o mel. “Mesmo com o inverno fraco em 2015, compramos um carro com a venda de mel e de carne de bode. Colhi 30 baldes de mel e apurei mais de 5 mil reais. Antes, tentava viver apenas com o plantio de milho e feijão. Teve ano que a roça não deu porque choveu pouco mas, mesmo assim, o bode sobreviveu e as abelhas produziram bastante”, explicou Osmar Luís de Sousa. O agricultor conta que aprendeu sobre a produção de mel com o Padre Geraldo, um alemão que vive no Piauí e ajuda o sertanejo a usar plantas resistentes à seca e a criar

animais que sobrevivem e se desenvolvem melhor em regiões secas do Semiárido.

Com a chegada do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), mais conhecido como Programa das Cisternas, por meio da Articulação do Semiárido Brasileiro (Asa Brasil) e da Obra Kolping do Piauí, a família de Osmar e Marcelina conquistou as cisternas e o kit para a criação de galinha caipira. O kit deu tão certo que o casal falou que pretende ampliar o galinheiro e o número de aves. “Fizemos a opção pela galinha porque a gente já tinha um pequeno galinheiro na propriedade”, justificou Osmar.

Para Marcelina Teresinha, a cisterna de 16 mil litros de água para o consumo melhorou muito a situação de sua família porque diminuiu a peleja com o transporte de água de localidade distante em lombo de jumento e em carroças. Com a conquista da cisterna de 52 litros de água para produção de alimentos, ela disse que a melhoria foi ainda mais importante porque foi possível plantar canteiros e dar água para os animais. “As cisternas ajudaram bastante. A gente tem água para o consumo na época da seca e para fazer o canteiro de coentro e beterraba para a nossa alimentação. É muito bom ter a água para as galinhas, para as cabras e bodes. Antes, era sofrimento. A gente buscava água em cargas nos jumentos e depois em carroças”, lembrou a agricultora e dona de casa.



Na época da seca, a família utiliza uma parte da macaxeira da roça para o consumo e o restante é esmagado numa máquina. Após a secagem no sol, os farelos são guardados em sacas para garantir a ração dos animais durante a seca. “Quando um bode ou um jumento morrer de fome no Nordeste os demais já se acabaram, por isso valorizamos tanto esses animais e, principalmente os bodes”, explicou Osmar.

Antes, a vida na comunidade não era fácil, mas as cabras e bodes, segundo o agricultor, ajudaram muito os seus pais a criarem os filhos. Na seca, quando os legumes acabavam, o pai dele pegava animais e ia para a cidade, onde fazia a troca por farinha, rapadura e fubá de milho. “Numa seca pesada que houve, todo dia de madrugada, minha mãe ia para os chiqueiros, onde tirava três litros de leite e misturava com dois de água para render. Jogava cuscuz dentro e dividia entre 11 pessoas. Quando era meio-dia e à noite, a alimentação era rapadura com farinha; e no outro dia de manhã, as pessoas da nossa família tinham de apelar para o fubá de milho. Assim atravessamos a seca”, relembra Osmar.

Para adoçar a vida da família, na seca ou na época de chuva, Marcelina, esposa de Osmar, faz um sorvete de leite de cabra que encanta os visitantes pelo sabor e qualidade. O produto é natural e é, certamente, uma comprovação a mais de que o casal tem muito a ensinar as pessoas que desejam ter uma convivência mais confortável com a seca.



Realização



Apoio

